

2ª sessão
16 de abril
de 2003

sinopse por
Andréa
Naccache

SEMINÁRIO

DE JORGE FORBES - 2003

VERGONHA HONRA LUXO

A liberdade tem causado pavor, constata Forbes. É nítido quando colegas se declaram encarregados de orientar a sociedade para que ela não se perca ou, como aconteceu em Belo Horizonte, quando recuam diante das suas propostas, temendo que desencadeiem a anarquia.

Porém, Forbes enfatiza, se um analista tiver medo da liberdade, não conduzirá análises. É, aliás, o impedimento por excelência de uma análise: a *angústia* do analista, seu desespero na separação do Outro.

Quem acreditar que o único caminho para a humanidade é normalizar-se – submeter-se a leis – fará psicoterapia e não, psicanálise. Então, diz Forbes aos alarmados com a anarquia: não se preocupem, porque *a liberdade é o limite da liberdade*.

É o avesso de pensar que “a liberdade de um termina onde começa a liberdade do outro”. Melhor ouvir Tercio Sampaio Ferraz Junior: “a liberdade de um começa onde começa a liberdade do outro” (*Estudos de Filosofia do Direito*, São Paulo: Atlas, p. 137).

A jornalista Luciana Reale, filha de Miguel Reale Júnior, convidou Forbes a escrever sobre a instabilidade emocional. Ele preferiu o “Silêncio das Gerações”. Agora, lê no seminário o texto a ser publicado. Em linguagem voltada à opinião esclarecida, aponta os arroubos de reacionarismo daqueles que receiam a liberdade, com a questão: será assim que receberemos a chegada ao mundo da ética do desejo?

É uma ética que poderíamos apreciar de maneira otimista, na medida em que ela convoca a pessoa a *querer aquilo que deseja* – justamente o que a psicanálise tanto lutou para instaurar em tempos de uma sociedade repressora.

O texto indica a possibilidade de *educações*, no plural, para dizer que uma educação dada aos filhos, aos alunos, é sempre uma opção pessoal. Opção feita pelo *querer*, em sua arbitrariedade, e não pelo *saber*. O *querer* desponta no silêncio da razão, naquilo que não se demonstra logicamente, no que não se deduz, não vale a todos os casos.

Se há uma herança digna da paternidade, algo o mais precioso que se possa legar a um filho, é o silêncio nas explicações, reflexo do limite da razão. Cabe aos pais sustentarem esse estatuto pessoal, singular das escolhas que, evidentemente, permitirá ao filho responder “eu não gosto de você”.

Porque escamoteada a assinatura pessoal de quem educa, ou proibido o filho de dizer “não gosto”, a assinatura pessoal do filho também não vai se firmar. Então: desvario, barbaridade, drogas.

A experiência da livre associação em um divã é a prova desse limite das explicações que se resolve em um nome próprio. Ela mostra que não é necessário se desesperar com a liberdade.

Por essa experiência, Forbes afirma: "eu não tenho medo". Pensa como Gilles Lipovetsky, no livro *Métamorphoses de la culture libérale* (Quebec: Libert, p. 47): é verdade que "assistimos a uma multiplicação de morais", testemunhamos uma "diversificação dos conceitos de bem", um politeísmo dos valores, no recuo das tradições pela afirmação da autonomia do indivíduo. É um tempo em que cabe "a cada um inventar a sua moral". Vê-se o desacordo entre cidadãos quanto ao aborto, à eutanásia, às drogas, à pena de morte, mas esse pluralismo de morais não é um nihilismo moral. Se em nossas sociedades o prazer, a sexualidade, o gozo, foram elevados à magnificência, diz Lipovetsky, não significa que essas sociedades entregaram-se ao deboche ou à anarquia sexual. Ele cita pesquisas na França demonstrando que os jovens de hoje, a despeito da liberação, não levam uma vida promíscua. Extravagâncias maiores e atrocidades continuam sendo experiências muito minoritárias.

Forbes questiona, então, a sensação dessa época, o desvario. Havia falado, na semana anterior, sobre a tendência de crescimento da solidariedade, e Lipovetsky mostra o aumento sensível nos índices franceses de trabalho voluntário. O desespero em tempos como estes, diz Forbes, mostra apenas que nossos pés avançam e esquecemos nossas cabeças no passado, pensando de maneira reacionária. É uma alusão ao dito de Lacan: para ver aonde vai alguém, melhor atentar aos seus pés que à sua cabeça.

Se algo preocupa Forbes, evidentemente, não é a liberdade. Mas sim seu oposto: o sufocar das particularidades pela norma, o apelo por um mestre, o prevalecer da cabeça conservadora que pede o retorno da moral única e ordenadora, totalitária.

Jacques-Alain Miller toca essa questão, ao indicar a psicanálise em favor do que escapa à ordem, no seu mais recente livro *Le Neveu de Lacan* – "o sobrinho de Lacan" (Vedier). Forbes comenta: o título parafraseia uma obra de Diderot, *O sobrinho de Rameau*, na qual o personagem passeia no Palais Royal contando a seu interlocutor, num discurso cínico, suas maneiras de furtar-se à norma. É uma sátira ao Iluminismo, cujo ideal foi encontrar na razão aquilo que faz de todos iguais. Diderot mostra as falhas desse intento.

Um capítulo do livro de Miller é "Sur Carl Schmitt" – "sobre Carl Schmitt" – um jurista alemão mal reputado por sua simpatia pelo regime nazista. Miller o contrapõe a Hans Kelsen, jurista austriaco que buscou a ciência pura do direito, no que deveria desnudar a estrutura universalmente constante nos diversos sistemas jurídicos, isolando-a de questões éticas, sociológicas, morais, psicológicas. O matema de Lacan que Miller identifica aos propósitos de Kelsen é o $\forall x \phi x$, a fórmula de uma lógica totalizante. Já para Schmitt, de quem Miller não preza a preferência política mas sim a reflexão sobre a exceção, cabe o matema $\exists x \phi x$.

Para Miller, "o anti-excepcionalismo é sempre um erro" (p. 266). Conforme encobre a angústia – que é o sentimento da exclusão, da radical particularidade, o único que não engana (Lacan) – o anti-excepcionalismo instaura o cansativo reino da igualdade, onde máquinas falam com máquinas, e clama por um mestre que trace as coordenadas da identificação coletiva. Há exemplos: quando a Revolução Francesa firmou os ideais de liberdade, igualdade, fraternidade, seguiu-se a maestria de Napoleão; na eugenia de um povo sustentou-se Hitler; na nova ordem pretensamente mundial, emerge Bush.

As duas fórmulas lógicas usadas por Miller são os matemas criados por Lacan em 1973, no Seminário XX, *Encore*. No livro, elas aparecem no "quadro da sexuação" (Zahar, p. 105), em que Lacan expõe, grosso modo, duas organizações do ser humano: a masculina e a feminina.

Nesse quadro, as duas fórmulas apresentadas estão do lado esquerdo, masculino. Expõem a estrutura do mundo industrial. Já do lado feminino estão $\exists x \phi x$ (não existe x que esteja fora da ordem ϕ , fálica) e $\forall x \phi x$ (não-todo x está sujeito à

ordem ϕ). A negação dos quantificadores nessas duas fórmulas – ou seja, dos símbolos de para-todo, \forall , e de existência, \exists – não seria admissível ao rigor da lógica simbólica. Lacan apropria-se desses símbolos conferindo-lhes novo valor, portanto, para expor a organização feminina. O ser falante que se inscrever desse lado – porque os seres falantes podem se posicionar em qualquer lado do quadro, independentemente do seu sexo biológico – “não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo, no que tem a opção de se colocar na ϕx ou bem de não estar nela” (*op. cit.*, p. 107). O quadro fica assim (p. 105):

$$\begin{array}{c|c} \exists x \bar{\phi}x & \bar{\exists}x \bar{\phi}x \\ \forall x \phi x & \bar{\forall}x \phi x \end{array}$$

A possibilidade de negar a totalidade fálica faz da organização feminina não edípica. Nisso difere da organização masculina, que só consegue pensar o que é diferente da sua lei como exceção (ou seja, sempre leva em conta a lei). A mulher consegue negar até mesmo a exceção, estar em um lugar radicalmente diferente, e ainda assim colocar-se em ϕx .

Para apreender a organização feminina, então, Lacan precisou introduzir na psicanálise uma forma de transmissão que superasse o cartesianismo – masculino – da divisão entre lei e exceção, dos raciocínios ordenados, lineares. Valeu-se para isso do nó borromeano, uma figura topológica composta por três argolas atadas de tal modo que, separada uma delas, todas soltam-se. O nó de três argolas é o nó de três registros: imaginário, simbólico e real. Assim a psicanálise foi preparada para operar também sobre a feminilidade e para agir também no período pós-industrial, pós-edípico. Hoje, diz Forbes, somos borromeanos nos pés e precisamos acompanhar Lacan, abandonando o cartesianismo em nossas cabeças.

Em 29 de maio de 2002, Éric Laurent interveio no seminário de Miller para notar que nosso tempo reflete os movimentos estudantis de 1968, em seu estandarte do “é proibido proibir”. Nessa época, em Vincennes, Lacan falava a aos estudantes mobilizados. Em 17 de junho de 1970, fechou o Seminário XVII com as seguintes palavras: “é que, não demasiado, mas o suficiente, me acontece provocar-lhes vergonha” (Zahar, p. 184). A psicanálise, então, visaria a vergonha que faltava naquele movimento libertário.

Laurent recobra essas palavras para responder à questão: mas não basta a vergonha que já circula tanto, que pesa ao neurótico quando procura um analista? Evidentemente, a vergonha que Lacan queria causar é outra, não alimenta a neurose quando se opõe ao desvario. Forbes segue a citação de Laurent:

“A vergonha é um afeto eminentemente psicanalítico que faz parte da série da culpabilidade. Uma das bússolas da ação analítica, pela qual Lacan retraduziu a franquia psicanalítica freudiana, é de jamais desculpabilizar. Quando o sujeito diz que é culpado, tem excelentes razões para ser, tem sempre razão. É o que diz a hipótese do sentimento inconsciente de culpabilidade: o sujeito tem sempre razão de ser culpado. Simplesmente, ele não sabe por quê. E, contrariamente às psicoterapias, a psicanálise reconhece, admite essa culpabilidade. Nesse sentido, ‘fazer vergonha’ inscreve-se na vontade de cristalizar a culpabilidade” (p. 270 do seminário de Miller, 2002).

Se a proposta surpreende, Forbes a reforça: de fato, Lacan recomendava que a clínica deve sempre desangustiar, porém jamais afastar a culpa.

Na semana seguinte, Miller comentou a intervenção de Laurent. Reformulou as noções sem discordar, apenas acrescentando nuances. Sugeriu especialmente a disjunção de vergonha e culpa.

A vergonha psicanalítica seria mais íntima que a culpa, justamente porque a culpa é movida por fatores sociais e morais. A vergonha, para Miller, "é um afeto primário da relação ao Outro". Forbes cita: "dizer que é um afeto primário é, sem dúvida, diferenciá-lo da culpabilidade. Se quisermos tomar essa via, diremos que a culpabilidade é o efeito sobre o sujeito de um Outro que julga – com 'o' maiúsculo –, um Outro do qual esse sujeito é transgressão" (p. 296).

Já o Outro da vergonha seria anterior: ele não julga mas apenas "vê ou dá a ver". É o Outro primordial que funda o pudor da nudez, por exemplo, independentemente de qualquer transgressão. Miller relaciona, afinal, a *culpa* com o *desejo*, e a *vergonha*, radicalmente íntima, com o *gozo*.

É essa vergonha psicanalítica, para além do julgamento, do delito e da moral, a única resposta possível ao desvario da globalização, conclui Forbes. A honra, simbólica, funda-se nessa vergonha. Ao mesmo tempo, do imaginário, aquilo que toca esse ponto íntimo de cada pessoa – permitindo-lhe lidar com sua particularidade – é o luxo, como Forbes o apresentará: um luxo muito peculiar, psicanalítico.